

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 50\$00

EDITORIAL

COM CONTA, PESO E MEDIDA

A praia de Fão, apesar de tudo, possui um belo enquadramento e é servida por agradáveis acessos. Às vezes, por demasiado familiares, não reparamos nessa excepcionalidade, mas quando, por qualquer motivo, temos que visitar um local idêntico, da costa, já se vê, somos obrigados a concluir que temos uma excelente praia com óptimos acessos **malgré tout**. Este **tout** não tem nada a ver com a 2.ª pessoa, mas é uma maneira eufemístico afrancesada de dizer porcaria que nele abunda **in magna quantitate**.

Se fizermos o trajecto a pé pela avenida António Veiga, ao passarmos em frente ao Hotel do Pinhal, reparando bem, damos-nos conta que nos encontramos sob um dossel de folhagem. Seguindo em frente, temos árvores à esquerda e à direita e vemos, normalmente nem damos por ela, que sobre o mar ou a caminho do mar confluem outras estradas e caminhos, sempre pejados de árvores. Digamos mais rigorosamente que essa confluência é a bem dizer as várias estradas e caminhos vão dar à avenida que por sua vez os conduz ao mar.

Claro que existem mazelas. Por exemplo a margem direita da referida avenida, margem direita de quem se dirige para a praia, tem um arranjo selvático. Primeiro é o esqueleto tosco e horrendo da antiga fábrica. Depois são os restos ósseos da extinta extracção de areias. Se já caducou a licença, por que se permite que aqueles escadotes e escorregões se mantenham fantasmagoricamente de pé numa terra que por definição turística é sinónimo de asseio? Aquilo dá uma sensação de abandono e desmazelo que conflagra. Quem durante anos deu provas de não ser capaz de abrir um canal deu provas, ipso facto, que jamais o abrirá. A partir da fábrica até ao Hotel do Pinhal o lado direito apresenta-se «decorado» de silvas que ou deveriam ser mondadas ou extraídas. Não cai bem a existência de um posto de turismo, impecavelmente pintado, rodeado de tanta expressão de abandono.

Para além destas insuficiências facilmente evitáveis, a árvore impõe-se como principal ornamento. É preciso conservar o pinhal de Fão, ou pinhal de Ofir.

Não é que nós queiramos fazer da vila fangueira o pulmão do concelho. Basta subir ao monte de S. Lourenço e verificar daquele maravilhoso posto de observação que o concelho de Esposende é essencialmente rústico e favoravelmente provido de árvores. A urbe fangueira é que sem o seu pinheiral perderá muito do seu encanto. Tornar-se-á uma terra careca.

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DO MÊS

Por ARMANDO SARAIVA

PEDRO JOSÉ ALVES VIANA

*O Viana vai para a África
Vai ganhar a sua vida
Vai ganhar o medalhão
Para a cunhada Sofia*

*Adeus ó Viana
Novo africanista
Adeus ó Viana
Até à vista*

Quem era este Viana? Era o velho Viana que a maior parte da gente de Fão não conheceu. Quando dizemos «a maior parte», queremos referir os fangueiros que têm menos de 45 anos, que são mais efectivamente do que aqueles que já dobraram o primeiro marco pré-anunciador da velhice.

Nós ainda o conhecemos. O seu vulto pesado, cabelo à escovinha, vem até nós envolto nas brumas do tempo. Ainda temos uma fotografia tirada por este retratista com certa fama que era também relojoeiro com maior fama ainda. Fangueiro nato? Pelos vistos nasceu em Viana, mas por caprichos do destino casou-se com uma jovem fangueira, de nome Deolinda e, devido a essa ligação, veio residir para a nossa terra, passando a morar na então Rua Conde e Castro, hoje Prof. Pio Rodrigues, numa casa actualmente pertencente

à Micas Apolinária. Foi por esta ocasião, isto é, quando tinha ourivesaria na R. Conde e Castro que a sua casa foi assaltada e os ladrões levaram-lhe algumas peças da oficina. Felizmente, talvez pela sua singular personalidade que começou a destacar-se do vulgo fangueiro, deixaram-lhe um bilheteinho a pedir desculpa, facto este que o velho Viana contava mais tarde com certa satisfação. Tinha três cunhadas que se chamavam Sofia, a tal dos versos (porquê?), Antónia e Amélia. Passados poucos anos, o casal Viana resolveu transmutar-se para a África, motivo do aparecimento dos versos que encimam este perfil e aí, a par de relojoaria, cultivou a técnica fotográfica.

Consequindo um pé de meia aceitável, voltou a Fão e de novo abriu uma relojoaria juntamente com um estúdio fotográfico na casa onde hoje mora o Jorge Sousa. Mais tarde, por intermédio do seu grande amigo Carlos Oliveira, compra a casa em frente às Saúdes que era pertença de um tal Ramalho, continuando com os estúdios de fotografia e relojoaria. Dotado de uma habilidade rara e de um desejo de saber sempre crescente, construiu, tal como Galileu Galilei, uma luneta telescópica com que estudava os astros e de que ia tomando apontamentos continuados, tal co-

(Continua na pág. 2)

UM SONHO... UMA REALIDADE...

A «COOPERATIVA CULTURAL DE FÃO

Há finalmente, um grupo de pessoas interessadas em promover um movimento cultural em Fão.

Já se deram os primeiros passos...

Por CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

No dia 19 de Janeiro, reuniram-se, numa sala dos Bombeiros Voluntários, cerca de 20 pessoas, convidadas pelo sr. Dr. José Emílio, o sr. comandante Bacelar Pires, o Dr. Madureira, o Presidente da Junta, sr. Viana, o sr. Manuel de Sousa (Manuelzinho) o sr. Paulino, eu e mais outros, de quem não sei os nomes.

as minhas desculpas pela ignorância.
O sr. José Duarte expôs o seu plano.
É um plano arrojado e que, tenho fé, será uma bela realidade!

No entanto, para já, concordou-se em criar uma cooperativa e dar forma a um movimento que se estenderia a uma vasta actividade de raízes fangueiras e não só... seria

longo inumerar tudo aquilo que foi discutido. De concreto, ficaram lançadas as bases para este movimento. Ficou marcada nova reunião para o dia 18 de Março.

Nesse dia lá estavam todos e mais alguns. Compareceu o Dr. Armando Saraiva e esposa, o Eng.º Adelino Miranda, o sr. Rafael Oliveira e esposa, dois sobrinhos do Presidente da Junta e mais alguns jovens interessados.

Esta reunião já foi realizada numa sala da Escola Amorim Campos, cedida oficialmente pela Ex.ma sr.ª Presidente da Câmara de Esposende.

Pelo sr. Dr. J. Madureira foram lidos os estatutos, por ele elaborados e que foram aprovados por unanimidade. O nome da cooperativa, também teve o acordo dos presentes: será — «Cooperativa Cultural de Fão». Vincou-se bem o nome de «Fão», pois um dos interesses principais é a promoção da terra e arrancá-la ao marasmo em que se encontra.

(Continua na pág. 11)

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

Nós vemos que os nossos vizinhos já transformaram muito do seu arvoredor em floresta de cimento armado. Será aquilo progresso?

Constituamo-nos em reserva natural, deixemos cortar as árvores em redor e o futuro será nosso.

Mas isto não quer dizer que nós nos opunhamos à construção de casas no pinhal de Ofir. Entendemos que ali se podem erguer ainda muitas moradias. simplesmente tudo deverá ser feito com conta, peso e medida.

ORÇAMENTO E PLANO APROVADOS FINALMENTE

No sábado, 1.º de Abril, foi ratificado pela Assembleia Municipal o Orçamento e Plano da Câmara de Esposende para 1989.

Houve um atraso de mais de três meses. Neste momento sabemos que Fão ficou prejudicado em mais de sete mil contos em relação ao Plano apresentado em Dezembro.

A sua aprovação ficou a dever-se à bancada do PSD. O CDS absteve-se com excepção de Luís Viana que votou contra. Houve bastantes declarações de votos.

No próximo número talvez nos seja possível fazer um cotejo entre os dois documentos.

Praia da Bonança em perigo

Um grupo de moradores do sítio da Bonança, em Fão, enviou à Câmara de Esposende uma exposição relacionada com a destruição, pelo mar, das dunas da Bonança.

Com certeza vamos ter mais um esporão entre as Pedrinhas e a praia fangueira. Será o remédio eficaz? Os técnicos dirão a última palavra.

PEDRO JOSÉ ALVES VIANA

(Continuado da pág. 1)

fazia também o célebre sábio de Pisa. Isto, a par de outros engenhocas, conferiu-lhe a auréola de *sábio* que compartilhava igualmente com Inácio Turra e Manuel Lima, já mencionados pelo «Novo Fangueiro» em mais do que uma vez. Faltam-nos dados para alicerçarmos concretamente o fundamento de tal alcunha, apesar de consultarmos as manas Saúdes, suas vizinhas e a paciente Micas Turra que muito nos tem ajudado nestas indagações sobre o antigamente fangueiro. Quando se referem ao velho Viana logo dizem: «esse homem era uma inteligência», mas pouco mais adiantam a corroborar tal afirmação. Soubemos que o pai da Toneca Pascoala trouxera do estrangeiro um relógio em forma cilíndrica que tinha a particularidade de apresentar no interior dois cilindros formados por folhas de papel, um para os minutos, outros para os dias. Conforme iam passando estes espaços de tempo, também as folhas viravam. Uma coisa só vista! Pois o Pedro Viana fez um exemplar igual ao do embarcadiço fangueiro que a família ainda deve conservar.

Era um homem de respeito em Fão e naquele tempo acamaradava só com os «notáveis» da terra. Dava-se com os priores da paróquia e era a miúde convidado para almoçar pelo importante capitalista fangueiro Campos Morais. Foi por várias ocasiões convidado para vereador municipal mas, de cada vez que lhe era endereçado o convite, começava a fazer contas e, como o negócio lhe saía caro, recusava sempre.

Tinha um filho, Celestino, que acabou por cursar Direito. Findo o curso foi para Lisboa onde montou consultório de advogado e se casou. Segundo mal lembram as suas vizinhas,

levou uma vez uma bofetada do pai e saiu de casa, indo conviver com as tias. Teria acabado o curso com a ajuda do Adriano Vieira. Foram seus companheiros de estudo o Pires Gaifém e Cândido Vinhas, este um grande jornalista, talvez o maior jornalista que Fão já teve. Foi director de «O Grulha» e a sua pena brilhante revelou-se no caso que incompatibilizou o Prior Luís Azevedo com um grupo de fangueiros e que levou à sua transferência. Cândido Vinhas foi um fundibulário terrível com uma lógica e uma ironia irrefutáveis. Morreu novo, com 23 anos. Era filho da D. Albertina que veio a casar-se com o sr. Morais. Tal casamento levou o jovem Cândido a sair também de casa.

Voltando ainda ao velho Viana. Era amigo do P.e Chaves que lhe ofereceu todos os livros que ia publicando. Exactamente com Inácio Turra e Manuel Lima, afinava órgãos e construía peças necessárias ao seu *métier*. Tal como estes dois conterrâneos, tornou-se famoso em muitas terras em redor, pelo que a sua casa era procurada continuamente por muitos forasteiros.

ASSOCIAÇÃO DE DIRECTORES DE HOTEIS

Realizou-se em Fão, mais propriamente no Hotel do Pinhal, no dia 1 de Abril a 6.ª Assembleia da Associação de Directores de Hotéis o que significa que estiveram entre nós cerca de 100 pessoas ligadas à hotelaria.

Em complemento social houve um passeio ao Palácio da Brejoeira e uma ceia no Casino da Póvoa.

A organização deste encontro esteve a cargo de Aníbal Soares, Delegado Regional da A.D.H.

JANELA

Abriste-me a janela do teu mundo,
e pude através dela contemplar
A beleza dum reino mais profundo
Com outro sol e mais puro luar.

A gente necessita de janelas
Abertas como brancas alvoradas,
Pois quem vive no meio de procelas,
Suspira por um porto com entradas.

E senti-me feliz por ter acesso
ao teu pequeno mundo luminoso,
Foi como alguém que fez o seu regresso
Dum longo cativeiro desditoso.

Jamais imaginei que para além
Das fachadas humanas existia
Um reino tão formoso, que contém
Esse misto de céu e de magia.

E vi poentes como madrugadas,
Os velinhos com risos de crianças,
Senti que as almas eram perfumadas
E os ramos secos cheios de esperanças.

Os imensos desertos vi em flor,
A prisão transformada em liberdade,
A mentira debaixo da verdade,
Todo o ódio vencido pelo amor.

Desde então esqueci o meu passado,
Pois novo paraíso eu encontrei,
E da tua janela, do outro lado,
Vejo feliz o reino que deixei.

DINIS DE VILARELHO

ÓPTICA Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

R. DA MISERICÓRDIA, 6/12
4700 BRAGA ☎ 7 57 77

PONTOS DE VISTA

Por QUIM DE FÃO

Na berra...

Se dizemos bem, adulamos. Se dizemos mal, somos críticos arruaceiros. E esta!

Na berra...

A guerra das «Laranjas». E dos cargos.

Na berra...

A crise; a decadência fangueira.

Na berra...

A formação, constituição de um grupo de homens-de-bem, fangueiros de quatro costados, que possam salvar o navio e emergir deste afundamento progressivo. Para breve.

Na berra...

A edição de uma obra literária e até certo ponto monográfica dos «Estaleiros Navais/Construção Naval» em Fão/Esposende nos séculos XIX e XX. Mas com uma retrospectiva que remonta ao século XV. É seu autor o dr. José Bernardino Amândio que há longos anos vem dedicando o seu interesse pelo estudo e pesquisa da história de Esposende - concelho.

Na berra...

Nova época banear já deu sinais. Os hotéis ceberam os primeiros turistas de 89.

Tudo como dantes. Praia com lixo: plásticos, redes inutilizadas, gravetos, papéis de gelados...

Na berra...

Ausência de vigilância, sobretudo nocturna, impede os turistas de descerem ao Fão antigo, nas noites de festa e até, no dia-a-dia. Uma chamada de atenção para a autarquia com o fim de se empenhar num melhor policiamento, a pé, da Avenida da Praia. A presença da G.N.R. dará confiança aos visitantes para que saiam dos hotéis e caminham despreocupados até ao burgo, cafés, casas de fado, etc. Quem não se lembra dos anos 65/70! Os ingleses desciam em bandos para gozarem as noites fangueiras, de Abril a Outubro!

Na berra...

Os balneários públicos situados na praia, pertença da autarquia, só abrem nos meses de Verão. Nos fins-de-semana, durante todo o ano, deviam permanecer abertos, mesmo que a vigilância tivesse de ser paga. É que há «policias» e cheiro nos recantos menos próprios e «impróprios» para um local de Turismo. Não podemos ver o «lucro» fácil e depois dormir à sombra da «bananeira».

Na berra...

A visita constante de empresários Árabes, Suecos, Alemães e outros ao nosso país. Mas ao nosso concelho só chegaram através das imagens televisivas. Eles vêm para investir, mas aqui, ao que parece, foi chão que deu pouca uva...

Na berra...

Em Esposende - vila, investem os construtores civis. Campos que já foram campos; pinhal que já foi pinhal. Tudo é agora empreendimento mais empreendimento. As habitações multiplicaram-se aos milhares.

Na berra...

Última hora. Em Fão com «Savora» tudo melhora. Já não haverá... indeferidos. O P.D.T. deu D.D.T. Os projectos do dia para a noite multiplicaram-se. Será o ano F.

Ao obras já arrancaram e vão outras arrancar. Desenterrar os mortos — obra já iniciada nos Lírios. Enterrar os mortos — alargamento do cemitério. O Túnel + O mercado + A via rápida + O acesso + vários loteamentos deferidos + Dezenas de casas + andares + saneamento + ... + votos... votos.

Ah! Compadre... aproveite a maré que o «Natal» está à porta. ano de eleições... ano de feijões.

Na berra...

E porque estamos em maré de melhoramentos,

com o devido respeito que me merece o confrade e o respectivo cargo redactorial, transcrevo do «Renascer de Novo» «local» de Fão o seguinte texto: «MELHORAMENTOS

— A junta de Freguesia mandou instalar placas em granito indicativas do nome das ruas. Muitos nomes novos surgiram na toponímia local a chamar a atenção de todos os moradores para facilitar a distribuição do correio ou a indicação exacta da morada tanto para residentes permanentes como os veraneantes.

— O Sr. Presidente da Junta informa que não se trata de nomes novos, mas sim da colocação agora de placas que nunca ninguém se lembrou de colocar.

Mais informa que as obras do mercado poderão começar dentro em breve visto que já há empreiteiro para a sua execução. Fão não deverá criticar teimosamente mais esta iniciativa, mas ver ali uma estrutura necessária para benefício e desenvolvimento do comércio local. Acham alguns que fica deslocado, mas estará alguém disposto a ceder os seus terrenos em lugar mais próprio para a sua construção?»

Na berra...

Um recado mal dado, mal encomendado... no meu ponto de vista.

Numa análise linha a linha, diz-se «Muitos nomes novos» e mais à frente... «O Senhor Presidente da Junta informa que não se trata de nomes novos». Afinal, como é? Sete linhas acima diz tratar-se de «nomes novos», sete linhas abaixo diz-se o contrário. Esta gente já se esqueceu da Amirim Campos ou escreve para que ninguém leia. Só para «encher»...

Depois diz «colocação agora de placas que nunca ninguém se lembrou de colocar».

— Ou que algum noctívago ou covarde retirou pela calada da noite? Qual a verdade?

— Não foi o que aconteceu às placas de Artur Sobral e da Senhora Professora D. Zulmira Borda?

— Quantas vezes abordámos o sr. Presidente para recolocar esta última e ele nos respondeu que não foi ele quem a de lá retirou?

— E agora? Colocou-a como lá estava, a primitiva, ou alterou-a, a seu bel prazer?

— ... «Nunca ninguém se lembrou de as colocar». Puderam! Os assuntos eram discutidos em plenários e com consenso. além disso, as ruas que existiam tinham nomes e a outros foram dados nomes de pessoas ilustres e com D. (maiusculo). Veja Rua Professora Zulmira Borda. Coloque-lhe lá o D. que lhe fica muito bem e apague aquela nostalgia do «Goa» que fica mal. Veja e leia «Rua Professora D. Ida Eiras». Com D. maiúsculo.

— Mais: «as obras do mercado poderão começar». Futuro próximo... Aqui dei-rei!!! ó carai! Já não há beneméritos a «ceder terreno»... ó carai... a «ceder os seus terrenos»... querias!... ó carai... ceder» era o que faltava! Então em Esposende as expropriações pagam-se a «peso de ouro» e aqui é «por cedência»? Nem parece ano de eleições! Ó carai! Então não há terrenos para um mercado no coração de Fão? Vai parar às Rodas? Eu não estou disposto a «ceder» os terrenos que não tenho, mas à Senhora Presidente da Câmara, só a ela, estou disposto a indicar-lhe quatro grandes espaços no coração de Fão para um grande mercado.

— Um desses espaços, quase de certeza que há acordo e fica mesmo, mesmo a matar. Mas, atenção, não é cedência; é troca, sem luvas. Eu, pela minha terra, faço tudo sem luvas... mangas lavadas. — Ó carai! Quem é a velhinha que vai atravessar a estrada? Ou terá túnel?

— Esta não será como a «do campo de ténis, piscinas, etc. ... etc. ...?»

Na berra...

Fonte fidedigna informou-me que a Biblioteca

das escolas se afundou pela quarta vez. Quarta inundação!

Um apelo: Comandante Peira, coloque lá um piquete de prevenção contra afogamento de livros.

Na berra...

A informação que desinforma conferir ao nosso Chefe Miro mais duas paternidades.

O Chefe que é das Águas não mete tanta água... Mas lá que têm a mania de lhe chamar pai... dos outros, lá isso têm. Ele perdoa.

Pai da fanfarra... pai das festas... pai da Cruz. Enfim é um Pai. Prontos! Chefe, não se fala mais nisso.

Na berra...

Já tínhamos um bispo... dos outros. agora temos um Cardeal... dos nossos. Um Bórgia... com... passo, com discurso mágico. Somos riquinhos, como na telenovela.

Na berra...

As preces... as súplicas! Aquelas leituras foram tão tristes, tão tristes que fizeram chorar de... pena. «Cunhas... filhos... filhas... escândalos do nu na Têvé... Para a próxima, o tão bonito não pode ser estragado por uns textos tão fingidos... de verdade. a não ser que «olha para o que eu digo, não olhes para o que eu faço...»

Na berra...

Melhoramentos.

O lago do Cortinhal apareceu melhorado. Bonito. Ainda bem. ninguém lhe dá muitos dias de vida. A canalha de cá e de fora não tardarão a «vender o cobre». Que cada fangueiro seja um polícia e corra com os vândalos. Piscina só... de noite e a altas horas...

Na berra...

Festas de Fão. Muito boas. Em tudo. Parabéns à Comissão e a todos os colaboradores. Já há alguns anos não apareciam com tanta animação de carrocéis, farturas e outros mais. O arraial bonito e alusivo à terra. Grande e bem iluminado. A Câmara colaborou. Por arrasto? Parece... que sim. Mas as «notas» vieram. No entanto um reparo: O fiel da balança ficará em equilíbrio entre umas festas de Fão e uma Semana Santa? Vejam dó isto: Futebol nacional tem uma cotação — certo. Futebol regional outra. E em festas, a cotação é a mesma? Ou Fão recebeu as quinhentas notas de mil porque a Semana Santa também as recebeu? Para o ano Fão merece mais... fica a juros, senhora Presidente. As despesas e envoltimentos sociais também são diferentes.

Na berra...

Do Brasil e de um colaborador de «O Novo Fangueiro» foi enviada uma carta ao Director deste mensário, referindo-se aos «Pontos de Vista» do Quim de Fão.

Por falta de tempo e de espaço, procuraremos responder no próximo número. As nossas desculpas, pela demora na resposta.

RECITAL

No dia 11 de Março realizou-se na Igreja Matriz de Esposende um recital de música a cargo dos alunos do Centro Cultural Musical de Caldas da Rainha.

Com uma «casa» razoável houve boa música, boas exhibições de canto, maravilhosas interpretações de piano, enfim uma sessão muito agradável.

Outros recitais são de levar a cabo.

Assuntos fangueiros

Vai surgir uma nova página que trará exclusivamente notícias de Fão. Serão responsáveis os nossos amigos Quim de Fão e Né dos Lírios. Trata-se de uma achega muito importante para o nosso jornal.

AS FESTAS DO SENHOR DE FÃO

Há muitos anos que não assistia a estes festejos e fiquei admirada com a aglomeração de povo que vi nas ruas da vila.

Espantou-me ver tanta gente, porque normalmente, Fão é uma terra deserta.

Onde se «esconde» este povo? É preciso ser dia de festa, para virem para a rua?

Enfim, mistérios que não sei desvendar. Mas vamos à Festa.

6.ª-feira, com um tempo relativamente bom, realizou-se, à noite, o cortejo das marchas, que embora em número reduzido, animaram a noite e foram muito aplaudidas. A marcha das crianças, pacientemente dirigidas, era enternecedora. Vestidas, garriamente de vermelho e branco, com seus chapéus de palha, lembravam um ramalhete de papoilas. A marcha, a canção, alegraram o recinto, e os seus balões pareciam pirilampos a saltar. Parabéns.

Houve depois um compasso de espera enquanto a marcha do Ramalhão dava a volta ao Bom Jesus, onde se exibiu.

Chegou, finalmente ao Largo, onde com muita alegria e vivacidade, demonstraram uma interessante marcação, e quanta potencialidade ainda há no povo fangueiro.

Os arcos, com pinturas alusivas à terra, davam uma nota festiva ao ambiente, e as raparigas e rapazes demonstraram que sabem dançar e cantar.

Mereceram bem as palmas assim como o ensaiador. Depois veio um grupo que agradou imenso. Jovens muito elegantes e bem ensaiadas demonstraram muita agilidade nos seus exercícios, sempre acompanhadas pela fanfarrinha masculina. Exibição agradável.

Fechou o programa da noite, a serenata dos estudantes de Coimbra. Embora com al-

guma deficiência «sonora», foi muito agradável ouvir, esses jovens, envolvidos nas s/capas negras cantarem esse saudoso e eterno fado de Coimbra.

O fado da despedida, cantado por antigos e actuais estudantes, acompanhados pelo povo, deram à noite um toque de nostalgia. Gostei. Pena foi não ter sido mais demorada.

O sábado foi reservado, durante o dia, para visitar a igreja e admirar o tapete de flores naturais, feito pelos grandes artistas, que são os irmãos Matias.

É de facto um trabalho que traduz muita coisa: arte, bom gosto, paciência, sensibilidade e um grande amor à terra. Eles fazem este trabalho há 19 anos. Merecem o nosso aplauso e a nossa admiração.

Será bom que os jovens desta terra atentem para o facto de não se perder esta tradição. É tempo de começarem a aprender como se faz para lhes dar continuidade.

As barracas dos «comes e bebes» e todas as outras que compunham o arraial vão tendo um ar mais modernizado sem contudo perderem as suas características.

Não faltaram as diversões para os jovens e para as crianças, para quem os carros e o carrocel são atractivos aliciantes. Às 22 h, houve baile no salão dos Bombeiros Voluntários e cerca da meia-noite, realizou-se no Cortinhal, com a presença de muitas centenas de pessoas, o fogo de artifício.

A noite estava muito agradável e foi um espectáculo deslumbrante.

O domingo rompeu sem sol, no entanto a manhã ficou agradável e o som dos foguetes, lembrava que era dia de arraial.

De tarde a chuva veio estragar a festa.

Não houve procissão, que ficou adiada para 2.ª-feira. No entanto, muita gente munida de guarda-chuva, enchia as ruas, invadia os cafés, demonstrando que era dia de festa e portanto especial. As duas bandas encantaram quem as ouvia.

Uma era a Banda Antas - Esposende, com a farda creme e a outra a Banda Marcial da Foz do Douro, de azul escuro. Havia alguns elementos femininos entre os componentes das duas bandas e isso deu um toque de frescura muito agradável...

À noite houve novamente fogo de artifício, sobre o rio, o que foi uma surpresa para mim. Era cerca da meia-noite quando fui surpreendida pelo som dos morteiros. Fui à janela e pude ver esse trajecto maravilhoso que é o fogo luminoso a cair do céu.

E chegamos finalmente ao momento da procissão. Estamos perante o culminar das Festas. Às 9 h de 2.ª-feira, houve missa, na Igreja Matriz e cerca das 10 h. passaram em direcção ao Bom Jesus, os componentes que iriam fazer parte da procissão. À frente iam os anjinhos e o pálio, a seguir a Irmandade da Misericórdia, seguidos das mais destacadas individualidades da terra, os Bombeiros de Fão e a Banda de Antas-Esposende. Como sempre, atrás muito povo. Assim terminaram as festas.

A terra vai voltar à sua pacatez. Os garridos enfeites que ornamentavam as ruas vão ser retirados e só daqui a 1 ano, se Deus quiser, tudo se irá repetir.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra invulgar para o nosso país feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria generalizada, como de especialidade. Enorme não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento da aplicação de palavras e locuções estrangeiras.

Dicionários EDITORA



O Dicionário da Língua Portuguesa - 8.ª edição - é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 8-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
EMP. L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZÉNS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

PÁGINA JOVEM

Olá, jovens! Então, a Páscoa foi boa? E as notas... também? Vamos lá trabalhar muito, que o 3.º período é a recta final para a meta que se propuseram atingir. Então, coragem!

ENTREVISTA

(Continuação do número anterior)

M.B. — Nós entendemos que o cartão jovem deve ser um passaporte para a cultura, portanto não deve ser entendido só como vantagens económicas, como na compra de bens essenciais, mas também deve ser encarado como um meio de acesso à cultura, isto é, entrada em museus, cinemas espectáculos muito acessíveis para os jovens. O cartão jovem também prevê descontos nos transportes escolares, nos transportes de acesso às universidades, nomeadamente o facto da Rodoviária Nacional e outras empresas de transportes públicos terem aderido com regozismo.

O cartão 88/89 é um cartão internacional válido para seis países da C.E.E., nomeadamente a Espanha, a França, a Grécia, a Escócia, a Alemanha, e a Bélgica.

A idade passou dos 14 para os 12 pelo facto da faixa etária, faixa jovem que poderá a vir beneficiar desse cartão seja cada vez maior e coincidir essencialmente com a faixa etária coberta em termos de apoios pelo ministério da juventude.

Ent. — Sr. Delegado passemos agora se estiver de acordo a uma pequena conversa sobre a juventude no nosso distrito.

Como é que se vê o jovem Manuel de Barros recuando aos seus 17 e 20 anos em comparação com os jovens de hoje?

«OS JOVENS DE HOJE»

M.B. — Em termos de atitudes são iguais, em termos de comportamento social são idênticos e em termos de oportunidade muito dis-

tantes. No meu tempo de estudante as oportunidades que eram fornecidas aos jovens eram muito inferiores não só em termos de ocupação salutar de tempos livres como em termos técnico-materiais; para mim é tão im-

portante investir em vias de comunicação, em indústria como nos tempos livres dos jovens. Mas para isso é necessário criar condições para os jovens ocuparem esses tempos, mas que seja de uma forma útil, não só criando oportunidades de contacto com o mundo do trabalho, não só na organização de programas desportivos, culturais, como também inclusivé, pôr os jovens cada vez mais em contacto com os valores históricos do país. Hoje em dia, os jovens são considerados «maus» mas nós sabemos que há uma minoria de jovens que não têm força para enfrentarem os problemas que se lhes desparam no dia-a-dia. São aqueles que descambam em comportamentos desviantes na delinquência, na droga, na prostituição, mas a grande maioria dos jovens são pessoas com fortes potencialidades, com quem Portugal poderá contar no futuro.

(Continua)

PAUSA PARA SORRIR

Esta passou-se no Brasil, há muitos anos. Um homem sem dinheiro mas com muita fome, não resiste mais e acaba por entrar num restaurante e pedir um bom almoço. Depois de saciado, dá voltas à imaginação para ver se descobre maneira de sair sem pagar. Os seus olhos poisam num macaquito que, numa extremidade do balcão, preso a uma corrente, faz piruetas. Vai-se aproximando do animal e, quando o dono se distrai a atender outros cliente, começa a bater no pobre macaco. O patrão, estranhando esta atitude, pergunta-lhe a razão. Então, o homem, fingindo-se furioso, barafusta: — «Macaco safado! eu tinha na mão uma nota de cem milréis para pagar meu almoço e ele tirou-ma e comeu-a!»

O dono do animal procura acalmar o cliente e ainda lhe dá troco dos cem milréis, que não chegou a ver. O homem sai, satisfeito, e, de futuro, sempre que a fome apertava, recorria a um restaurante que tivesse um macaco e repetia o estratagemma. Um dia, porém, quando batia desalmadamente num macaco, o dono do restaurante quis saber a razão e, ao ouvir a explicação do esperto cliente, abanou a cabeça, sorrindo ironicamente: — «Essa agora é nova! Macaco empalhado há mais de vinte anos comer nota, senhor? Impossível... bichinho morto não mexe...»

★

Um indivíduo mostra uma casa que tem para alugar junto à estação. A certa altura, tentando convencer o futuro inquilino a decidir-se, diz: — «A casa tem umas lindas vistas, sobretudo para o lado da estação». O outro, estranhando, pergunta: — «É então o que é que se vê desse lado?» Resposta pronta do senhorio: — «A cara com que ficam os viajantes quando perdem o comboio!»

★

Dois sujeitos discutem. Um, que é imensamente feio, a certa altura diz para o outro: — «Você não merece confiança! É um homem de duas caras!» Responde-lhe o outro muito calmo: — «Tomara você ter também duas caras para não ter que sair à rua com essa, que é mesmo um horror!»

A MATEMÁTICA

*QUAL É O NÚMERO
QUE TEMOS AQUI?
SERÁ IGUAL,
AO QUE TEMOS ALI?*

*QUE EXPRESSÃO NUMÉRICA,
TÃO COMPRIDA!
DEMORA MUITO A FAZER,
UMA HORA, UMA VIDA!*

*E ESTE CONJUNTO,
QUE NOME TEM?
DIABOS PARA A IDEIA,
QUE NUNCA MAIS VEM!*

*CONTA OU PROBLEMA,
EM QUE SÓ SE FAZ ASNEIRAS,
NÃO SE PODE FAZER,
POR MAIS DE DUAS MANEIRAS.*

*QUANTO A ESTES NÚMEROS,
VÃO DE ZERO A CEM,
QUE É O DOBRO DE 50,
E UM CENTO TAMBÉM.*

*A GEOMETRIA,
VAMOS DESCOBRIR.
PARA ACABAR,
VAMOS REFLECTIR.*

MARTA — 22/6/86 — (11 anos)

A VIDA


A vida é uma criança que não cansa.
É sonho inacabado, mera fantasia.
A vida é sonho, a vida é esperança
Que vai e vem como odor a maresia.

A vida é movimento e é mudança.
É tempo a ocupar com tempo — poesia.
A vida é um instante, uma lembrança,
Pois a vida é efêmera, é fugidia.

Vivamos, pois, a vida com coragem
A vida não é mais que uma viagem
A vida é sonho, a vida é esperança.
E porque a morte é certa e não espera
E a vida nem sempre é Primavera
Vivamos, pois, sem ódio e sem vingança!

AFRODITE

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE

Impetus 



Desenho de FÁTIMA GUIMARÃES

AUMENTE O SEU COLESTEROL!

No louvável intuito de concorrer para a subida do colesterol, aqui ficam mais umas receitas apetitosas:

BACALHAU DE CEBOLAS À ALENTEJANA

Desfia-se o bacalhau, previamente demolido. Faz-se a seguir um refogado com bastante cebola picada, azeite fino e pimenta.

quando a cebola ainda estiver rija, deita-se o bacalhau no refogado, com farinha de trigo desfeita em água e vinagre. Tapa-se a caçarola e deixa-se cozer em lume brando, até o molho engrossar e ficar reduzido.

E para a sobremesa, um

PUDIM DE ALETRIA

Leite — 1 litro.

Aletria — meio quilo.

Açúcar — 250 gramas.

Manteiga — 250 gramas.

Água de flor de laranja — q.b.

Erva doce — q.b.

Ovos — 6 (só gemas).

Juntam-se todos estes ingredientes numa panela de preferência esmaltada, e deixa-se ferver, mexendo bem, para a massa ficar bem ligada.

Deita-se então, numa forma untada com manteiga e vai a forno brando. depois de pronto, polvilha-se com canela.

E por hoje, já o colesterol tem com que se entreter, isto já para não falar nas lambanças da Páscoa...

Um abraço da

TIA MARIQUINHAS.

FESTAS DO SENHOR DE FÃO

Mas antes das «Festas» houve a Páscoa com uma novidade: além de duas cruces com padres saíram mais cruces com leigos. Uma novidade.

Na Semana Santa realizou-se uma Via Sacra pelas ruas de Fão.

Os estabelecimentos comerciais foram convidados a arranjar as suas montras com temas quaresmais. Foi um sucesso. Mais uma coisa à moda de Fão.

Quanto às festas, a primeira impressão sai hoje pela pena de cecília Amorim. No próximo número é a vez da Zinha sair com mais uma Varanda.

AO CAIR DA FOLHA

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

Todas as terras mais ou menos se orgulham do seu passado e, dentro do possível, procuram defender tudo aquilo que lhes fale desses tempos.

Fão é uma terra rica em testemunhos do seu passado, mas verifica-se que ao longo do tempo muitos desses testemunhos tem sido destruídos, por incúria não só das autoridades mas também por cumplicidade de todos nós.

Se certos actos de vandalismo, que se praticaram há algumas dezenas de anos, merecem uma certa desculpa, devido à pouca formação das pessoas, isso hoje não faz sentido e, como tal, temos que pedir cartas a quem cometer tais actos.

Há cerca de dez anos, fui surpreendido com a notícia de que um marco muito antigo que ostentava as armas da Casa de Bragança, fora roubado das imediações da fábrica Sofir. Pouco depois desapareceu um outro que se encontrava nas trazeiras da Rua das pedreiras.

Fiquei muito admirado por as autoridades não tomarem nenhuma medida para recuperar tais relíquias.

Como fangeiro que me preso de ser, tenho grandes dificuldades em dirigir coisas deste género.

Há semanas atrás, numa pequena reunião de amigos, eu falei neste assunto, e um dos presentes, muito admirado replicou-me:

— Não! Os marcos não foram roubados. Foi a Casa de Bragança que os mandou retirar e levar para Barcelos.

Confesso que ainda fiquei mais confuso.

Primeiro, porque não sei se seria realmente a Casa de Bragança que os mandou retirar, ou se seria algum coleccio-

nador sem escrúpulos. Segundo, porque, no meu entender, o Património Histórico de uma terra é de todos nós e de ninguém em particular. Como tal, ninguém tem legitimidade para dispor dele como sendo exclusivamente seu.

Foi-me dito que ainda resta um outro que se encontra num local escondido e de difícil acesso, razão porque ainda lá se encontra.

Lanço aqui o meu alerta para que não permitamos que mais uma vez as folhas da História da nossa terra sejam arrancadas.

Fão merece que a defendamos, como filhos que somos.



PALESTRA

O Lions Clube de Esposende promoveu um colóquio no dia 10 de Março último, pelas 21 horas, no Salão dos Bombeiros Voluntários de Esposende, cujo tema foi «SÍNDROME DE IMUNO DEFICIÊNCIA ADQUIRIDA — SIDA», apresentado pelo Dr. Daniel Marques Dias, Director de Serviço de Hematologia do Hospital Distrital de Vila Nova de Famalicão.

agradecemos o convite endereçado a «O Novo Fangeiro».

Vendem-se

PRAIA DE OFIR

APARTAMENTOS T1 e T3
nas TORRES DE OFIR
com paisagem deslumbrante

TERRENOS UTILIZÁVEIS

SOFIR - SOCIEDADE DE TURISMO DE OFIR,
S.A.

OFIR (FÃO) — Tel. (053) 963855 ou
(052) 682788

EMPREGADO

Para Estação de Serviço.

Com carta de condução.

Admite a GARAGEM SANTOS

Rua Tenente Valadim, 71

4490 PÓVOA DE VARZIM — Telef. 624703

NOVA GERÊNCIA



Calatrava

albergaria ★★★★★ [R]

Gasthaus ★★★★★
Bed and Breakfast ★★★★★

Rua M. Fiúza Júnior, 157 — Telef. 22011-27434 — Telex 33331 Latrav — 4900 VIANA DO CASTELO

DE APÚLIA

A GRANDE INVASÃO — O homem é um animal de hábitos, de que dificilmente se vê li-berto, quando eles são maus e prejudiciais à sua saúde, à sua dignidade, e à sua personalidade. Regra geral, também pouco faz pa-
ra isso.

Há muitos anos que alguns povos, ali dos lados da Póvoa de Varzim convencionaram festejar as segundas-feiras de Páscoa, con-
vivendo em conjunto, ao ar livre.

Começaram pela «carrasqueira», um pinhal de pequenas e tortuosas árvores, que existiu nas dunas da praia da vizinha Estela, a poucos metros do mar. E por ali andaram durante muitos anos, enquanto a mão do homem não destruiu tudo para dar lugar a alguns dos célebres campos «masseira», que proliferam em toda a costa, da Aguçadoura até a Apúlia.

Foram depois para o Anjo, localidade de árvores frondosas, a poente da Póvoa. Mas por poucos anos, porque, ao que se diz, tal invasão não era do agrado das populações locais. Mas se não era ali, num outro qual-
quer sítio seria. Entra aqui o hábito, mais forte do que a vontade dos homens.

Apareceram então no pinhal junto à praia, entre Apúlia e Fão. E não começaram a medo. Aquilo, nesse dia, era tudo deles. De há anos para cá que essa invasão se mantém. Nesses dias (segundas-feiras de Páscoa), todos os caminhos, estradas e ruas vão desagu-
gar nesse pinhal. Os transportes, os mais variados, desde autocarros, camionetas de carga, carros ligeiros, bicicletas, motoriza-
das ou a pedal, despejam ali muitas centenas de pessoas. No pinhal acendem fogueiras e confeccionam parte das refeições (o dia é todo deles), abrem tendas, armam barracas, cantam, dançam, convivem, mas só depois de bem comidos e bem bebidos.

Lembramo-nos deles, porque a segunda-feira deste ano foi muito má, com muita chuva e vento, autêntico dia de inverno. Mas mesmo assim, houve quem se aguentasse por ali, o dia todo e fizesse o mesmo que faria se o dia estivesse bom.

Mas também nos lembramos porque os inconvenientes desta invasão são óbvios. E também os prejuízos.

ELEVAÇÃO DE APÚLIA A VILA — Completou-se há dias o 1.º aniversário da elevação de Apúlia a Vila, efeméride que não mereceu qualquer referência ou comemoração das autoridades locais.

Mas a data não terá passado despercebida a muitos apulenses, dos quais alguns se interrogam se esse facto trouxe já algumas melhorias para Apúlia e seus habitantes.

É que, o irreversível, apagamento de algumas instituições locais continuou inexorável na sua caminhada para o fim. O tão propalado (e prometido) bairro social, o infantil, o jardim infantil, etc., continuam à espera de melhores dias. Como se Apúlia continuasse a ser aldeia rural.

Dado adquirido, parece, é a construção para breve da escola C + S, prevista para funcionar já no próximo ano lectivo.

Valha-nos isso, ao menos.

ÓBITOS — Faleceu em 16 do último mês de Março, no Hospital de Fão, a senhora Joaquina Gonçalves da Silva, de 73 anos de idade, natural da vizinha Fão, filha de Manuel Gonçalves da Silva e de Josefina Gonçalves Vasco.

A extinta, que era irmã do reverendíssimo Prior de Apúlia, viveu muitos anos nes-

ta freguesia, onde era geralmente bem estimada.

Este jornal apresenta a seu irmão e filhos os seus pésames.

— Vítima de acidente, ocorrido na Estrada Nacional 13, no lugar de Criax, faleceu o jovem de 11 anos de idade, Manuel Alberto Faria, filho de Francisco Fernandes Faria e de Teresa da Cruz Alves, residentes naquele lugar.

Para os infortunados pais os sentidos pésames de «O Novo Fangueiro».

— Em 25 do passado mês de Março, faleceu no lugar da Areia, o senhor Américo Pires Lopes Moreira, nascido em 16/12/924, filho de Manuel Pires Lopes Moreira e de Rosália Ribeiro Cardoso, natural desta freguesia.

Era casado sob regime imperativo da separação de bens, com a senhora Olívia Fernandes Esteves, a quem deixamos o nosso cartão de pesar.

CASAMENTOS — No mês de Março, com o senhor José Manuel Veiga de Araújo, de Barqueiros, Barcelos, consorciou-se a nossa jovem conterrânea, Idalina Maria Catarino Dourado Correia, filha de Adelino Dourado Correia, e de Olíndina Martins Catarino, do lugar da Igreja.

— No mesmo mês, e também, no dia 4, contrataram matrimónio os jovens apulenses, Inácio Lopes Ribeiro, e Maria Maximina Junqueiro de Carvalho.

O nubente é filho de Inácio Pimenta Alves Ribeiro e de Belarmina Ribeiro Lopes, do lugar de Paredes. O noivo é filho de Manuel Veloso de Carvalho e de Maria Martins Junqueiro, do lugar de Criax.

Aos novos lares os desejos de muitas felicidades.

PARA ESQUECER — Não é fácil nem cómodo para um leigo, nem talvez prudente, emitir uma opinião fundamentada, ou fazer um comentário isento e seguro sobre o insólito, verificado há dias, no funeral de um conterrâneo nosso, casado civilmente com uma apulense divorciada.

NECRÓPOLE NO LUGAR DOS LÍRIOS

Um escavação no lugar dos Lírios, frente às casas dos drs. José Albino e Carvalho Mata apareceram umas sepulturas de data muito antiga.

Esse lugar tem sido fértil em ossadas. Já o Capitão Larcher fala em sepulturas aparecidas nesse local na década de trinta. Na década de 50 outras ossadas apareceram tendo-se pronunciado sobre elas Manuel de Boaventura. Neste ano de 1989 novas sepulturas apareceram. Desconhece-se a época certa a que remontam.

ELECTRICISTA DE AUTOMÓVEIS

De preferência com experiência. Vencimento compatível com a função. Admissão imediata. Selecciona a GARAGEM SANTOS Serviço Oficial BOSCH Rua Tenente Valadim, 71 4490 PÓVOA DE VARZIM — Telef. 624703

Sabemos de leitores nossos que esperavam deste jornal uma tomada de posição. Não o faremos. Faltam-nos conbecimentos para isso. A concordata não foi revogada, e a Igreja Católica, todos sabemos, é muito rigorosa e isenta nestes casos. Pelo menos em Apúlia tem-o sido. Só que, já dizia o poeta, quando o homem quer... Não fazemos comentários mas deixamos esta interrogação: teria sido feito tudo para ultrapassar, condignamente para ambas as partes, esta situação difícil, sem dúvida, para quem tem responsabilidades, mas também difícil e angustiante para a outra parte? O apulense falecido era um bom católico praticante, amigo da Igreja e das suas obras, e também um exemplar chefe de família. E como era «irmão» de algumas confrarias, também se lamenta a ausência das respectivas bandeiras.

Um caso para esquecer. E para meditar. Porque o «escândalo» não só não foi evitado, como terá sido até ampliado.

E com prejuízos morais para ambos os lados.

Classe Transplantada de Apúlia para Clermont-Ferrand (França)

No prosseguimento dos programas de «Classes Transplantadas», saiu já no dia 15 do mês de Março, um grupo de crianças da Escola de Igreja n.º 2, de Apúlia, Esposende, com destino a Clermont-Ferrand (França).

Este movimento de intercâmbio cultural, didáctico e pedagógico já se verifica com o maior sucesso desde 1984.

Os alunos serão sempre acompanhados dos seus professores, encontrando-se uns e outros entusiasmados na preparação desta viagem.

A experiência, tem demonstrado que estes intercâmbios também se apresentam altamente eficientes no campo do turismo. Com efeito familiares de crianças francesas que cá estiveram em anos transactos visitaram posteriormente o nosso País e a nossa terra, motivados pelo entusiasmo que os seus filhos lhes transmitiram e pelas belezas de que lhes falaram, isto sem referir a forma carinhosa e amigável como foram recebidos e tratados. Para se ter uma ideia do que tudo isto representa, bastará dizer que, no fim de duas semanas que cá estiveram os alunos franceses choraram na despedida.

Sabe-se agora que, os pais dos meninos que em França esperam os seus amigos portugueses, manifestaram o seu receio de não poderem receber tão bem os portugueses quanto os seus filhos foram recebidos aqui em Portugal.

Os órgãos de informação não têm sido pródigos em dar estas notícias mas, a verdade é que, certamente estes factos, além de contribuírem para uma real aproximação entre os povos, promovem a paz entre os homens e estimulam, secundando, os sentimentos de transnacionalidade personificadora de cada raça, no mais puro espírito de fraternidade.

Agora, espera-se que os nossos homens e mulheres de amanhã tenham uma boa viagem e um regresso feliz e também que estes exemplos possam frutificar, porque podem ter resultados mais eficientes que muitos discursos ou até viagens de Estado.

Bem haja quem estas ideias tem, concretiza e pode ajudar a continuar.

CARDOSOS - HOTELARIA E TURISMO, LIMITADA

Fotocópia extraída da escritura lavrada de folbas cinquenta e oito a folbas sessenta e uma, do livro de notas de Escrituras Diversas número trinta e nove-C, do Cartório Notarial do concelho de Esposende.

CONTRATO DE SOCIEDADE

NO DIA DEZASSEIS DE MARÇO DE MIL NOVECIENTOS E OITENTA E NOVE, no Cartório Notarial do concelho de Esposende, perante mim, Manuel Gomes Soares, Primeiro Ajudante do mesmo Cartório, em exercício pleno de funções por virtude da Notária deste concelho se ter transferido para a vila de Caminha, compareceram, como outorgantes:

PRIMEIRO — GASTÃO ALBERTO BELO LOPES CARDOSO, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos com Maria Gabriela Lavado Pereira Cardoso, natural da vila de Fão, deste concelho e residente na Rua da Areosa, número cento e cinquenta-segundo-direito-frente, na cidade do Porto;

SEGUNDA — MARIA CELESTE BELO LOPES CARDOSO, casada segundo o regime da comunhão de adquiridos com José Manuel da Costa Lopes Cardoso, natural da dita cidade de Barcelos e residentes no lugar dos Lírios, naquela vila de Fão;

TERCEIRO — VALDEMIRO BELO LOPES CARDOSO, casado segundo o regime da comunhão de adquiridos com Rosa Maria Capitão Vale e Lopes Cardoso, natural da dita cidade de Barcelos e residente na Avenida Visconde São Januário, número oito, na mesma vila de Fão;

QUARTA — MARIA ARMANDA BELO LOPES CARDOSO GAIFÉM CARREIRA, casada segundo o regime da comunhão geral com Feliz António Gaifém Carreira, natural da dita cidade de Barcelos e residente na Rua de Santo António da Fonte, na referida vila de Fão;

QUINTA — IVONE BELO LOPES CARDOSO, solteira, maior, natural da indicada vila de Fão e nela também residente na Avenida Visconde São Januário, número dezoito;

SEXTO — PAULO ALEXANDRE BELO LOPES CARDOSO, solteiro, maior, natural da referida vila de Fão e nela também residente na aludida Avenida Visconde São Januário, número dezoito; e



ENTRE PINHAL E MAR, JUNTO AO RIO...

É na Costa Verde, em pleno coração do Minho, na orla do frondoso pinhal de Ofir e frente ao belo estuário do Rio Cávado, a escassos minutos a pé do extenso areal da praia de Ofir.

É nesta soberba paisagem, uma das mais belas do país, onde a fragrância dos pinheiros se une ao ar marítimo, impregnado de iodo, ambiente ideal para repousar e passear, que se ergue o



HOTEL DO PINHAL ☆☆☆

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)

Um hotel de 1.ª classe. Cem quartos. Bares. Restaurantes com especialidades minhotas. Terraços. Jardins. Relvados. Piscinas. Ténis.

SÉTIMO — VALDEMIRO LOPES CARDOSO, casado segundo o regime da comunhão geral com Maria Celeste Graça Ferreira Belo, natural da mesma vila de Fão e nela também residente na dita Avenida São Januário, número dezoito.

Verifiquei a identidade de todos os outorgantes por serem pessoalmente meus conhecidos.

E POR ELES FOI DECLARADO:

Que pela presente escritura, constituem entre si, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade, que se regerá pelos artigos seguintes:

PRIMEIRO — A sociedade adopta a firma «CARDOSO — HOTELARIA E TURISMO, LIMITADA», tem a sua sede na Avenida Visconde São Januário, número dezoito, na vila de Fão, do concelho de Esposende;

PARÁGRAFO ÚNICO — Por deliberação da gerência, pode a sede social ser transferida para outro local, dentro do mesmo concelho ou para concelho limítrofe, assim como a sociedade pode abrir filiais ou delegações em qualquer outro local do território português sem autorização da assembleia geral;

SEGUNDO — O objecto da sociedade é a actividade de restaurantes, cafés e actividades similares de comidas e bebidas; bem como de hotéis, pensões, parques de campismo e outros locais de alojamento e comércio a retalho e por grosso de géneros alimentícios, bebidas e tabacos;

TERCEIRO — O capital social é de UM MILHÃO E QUATROCENTOS MIL ESCUDOS, e corresponde à soma de sete quotas de DUZENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada um dos sócios, GASTÃO ALBERTO LOPES CARDOSO, MARIA CELESTE BELO LOPES CARDOSO, VALDEMIRO BELO LOPES CARDOSO, MARIA ARMANDA BELO LOPES CARDOSO GAIFÉM CARREIRA, IVONE BELO LOPES CARDOSO, PAULO ALEXANDRE BELO LOPES CARDOSO e VALDEMIRO LOPES CARDOSO;

PARÁGRFO ÚNICO — Todas as referidas quotas foram realizadas quanto a cinquenta por cento em dinheiro na data da escritura de constituição, os remanescentes cinquenta por cento serão realizados também em dinheiro no prazo de trinta dias a contar de hoje;

QUARTO — Um) — Podem ser exigidas aos sócios, prestações suplementares de capital e os mesmos podem fazer suprimentos à sociedade nas condições que em assembleia geral forem determinadas, até ao limite de SETE MILHÕES DE ESCUDOS;

Dois) — Se a assembleia geral nada deliberar sobre a forma de pagamento dos suprimentos que aos sócios sejam exigidos serão os mesmos solvidos em duas prestações anuais sucessivas e iguais, vencendo-se a primeira um ano após a data da respectiva deliberação, que deverá ser notificada por carta registada, com aviso de recepção;

QUINTO — O sócio que pretenda alienar a sua quota, terá de indicar à sociedade a identidade do cessionário e os termos de cessão, para que aquela delibere, nos noventa dias imediatos, se usa ou não de direito de preferência, que lhe é atribuído e, se a mesma dele não usar, preferirão os restantes sócios na proporção das suas quotas;

SEXTO — No caso de falecimento de qualquer sócio os respectivos herdeiros poderão apartar-se da sociedade para o que se procederá, a balanço próprio e os herdeiros ou representante do sócio falecido, receberão o que se apurar pertencer-lhes, o que lhes será pago em trinta prestações trimestrais, iguais e sucessivas, as quais vencerão juro anual igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal.

SÉTIMO — Um) — A sociedade poderá amortizar as quotas dos sócios:

a) — Quando forem declarados falidos ou insolventes;

b) — Quando a quota for arrestada ou penhorada e o sócio não obtiver, por meio de caução, o levantamento daquelas providências dentro do prazo de sessenta dias contados da data em que foram decretadas;

c) — Quando se provar que o sócio agiu intencionalmente de forma a causar, com a sua actuação, prejuízos morais ou materiais graves à sociedade;

d) — Se um ou mais sócios, isoladamente ou em conjunto, passarem a ter interesses, por si, associados ou por interposta pessoa, em qualquer outra empresa não associada, que se dedique ao mesmo ramo;

Dois) — O valor das quotas, para efeitos do disposto neste artigo é o valor nominal, acrescido da parte proporcional nas reservas e créditos do sócio e deduzi-lo dos débitos do mesmo à sociedade;

Três) — O pagamento do preço apurado, nos termos do parágrafo anterior, acrescido do juro igual ao da taxa de desconto do Banco de Portugal, será feito em dez prestações semestrais e iguais, considerando-se a quota efectivamente amortizada com o pagamento ou consignação em depósito, à ordem de quem de direito, da primeira prestação;

OITAVO — Um) — A gerência social e a representação da sociedade em juízo e fora dele, activa e passivamente, é confiada aos sócios, GASTÃO ALBERTO BELO LOPES CARDOSO, MARIA CELESTE BELO LOPES CARDOSO e VALDEMIRO BELO LOPES CARDOSO, que desde já são nomeados gerentes com dispensa de caução e com a remuneração que vier a ser deliberada em assembleia geral;

Dois) — Para obrigar a sociedade são necessárias as assinaturas de dois gerentes, sendo uma obrigatoriamente do sócio GASTÃO ALBERTO LOPES CARDOSO;

Três) — Se forem nomeados posteriormente outros gerentes, a sua nomeação, a extensão dos seus poderes e a forma porque obrigam a sociedade será decidida pela actual gerência;

Exibiram o certificado de admissibilidade da firma ou denominação, emitido aos 8 de Fevereiro do corrente ano pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas.

Arquivo o talão de depósito do capital;

Adverti os outorgantes da obrigatoriedade legal de ser requerido no prazo de noventa dias e na Conservatória do Registo Comercial deste concelho, o registo da presente escritura.

Foi feita aos outorgantes em voz alta e na presença simultânea de todos a leitura desta escritura e a explicação do seu conteúdo.

Vai conforme ao original.

Cartório Notarial de Esposende aos dezasseis de Março de mil novecentos e oitenta e nove.

o 1.º Ajudante

a) Manuel Gomes Soares

Rua de trás das Pedreiras

Não se soube dizer não no alargamento desta rua. Aliás houve pouco alargamento. A rua mantém-se tortuosa e estreita nalguns sítios. Ora o que se pretendia era que houvesse uma rua larga que servisse de alternativa à rua das Pedreiras. Mas não. Limitaram-se a calçar a rua e a não endireitar o que devia ser endireitado.

Houve pressões, pedidos e não sabemos que mais. Resultado: satu uma porcaria. No fim, para não se perderem dois votos, perde-se uma quantidade deles, pois é, uma rua inteira que está desagrada da situação.

FOLHA AGRÍCOLA

por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA DO PIMENTO

(Continuado do número anterior)

Em cada linha, a distância entre as plantas oscila em geral de 0,40 a 0,50 m, dependendo do desenvolvimento vegetativo da variedade em cultura.

11) AMANHOS

Amontoa

A amontoa do pimento tem grande interesse pois além de constituir um reforço ao apoio normal das plantas no solo impede que elas caiam devido ao peso dos frutos.

HERBICIDAS PARA A CULTURA DO PIMENTO

Antes da sementeira	Antes da transplantação	Depois da transplantação
Isopropalina	Trifluralina difenamida Isopropalina	Clortal (40-50 dias após a transplantação) Difenamida (até 30 dias após a transplantação) trifluralina (imediatamente após a transplantação) Prometrina Alacloro

12) SACHAS

Nos solos sem arenação é conveniente executar-se uma sacha após a aplicação de cada rega, procedimento que terá lugar até que a rama da cultura cubra a superfície do solo ou até que se realize a palhagem (caso esta operação esteja incluída no plano da cultura. Após cada rega nos solos arenados deve-se fazer a remoção da areia, sobretudo até que o solo fique coberto pela folhagem.

13) MONDAS

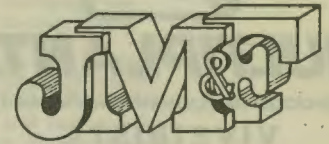
Esta operação é imprescindível pois o pimento é muito sensível à competição das ervas daninhas, sobretudo no decurso da fase de mais intenso desenvolvimento vegetativo.

14) PALHAGEM

É uma operação muito útil quando, na estufa, o pimento é cultivado em solo não arenado. No entanto, a colocação da palha só

deve ter lugar depois da planta ter desenvolvido a primeira cruz, isto é a primeira emissão de ramificações laterais. Esta fase corresponde à altura aproximada de 20 cm

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas
Sementes Horticolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

15) COBERTURA COM PLÁSTICO

Este procedimento reveste-se de muito interesse quando a cultura é feita nos meses que decorrem de Outubro a Março. Pode ser pernicioso nos restantes meses do ano em virtude de provocar excesso de aquacimento e escassês de humidade.

CUIDADOS A DISPENSAR À PLANTA

16) PODA DE FORMAÇÃO

Este tipo de poda deve dividir-se por duas vezes; na primeira, procede-se à desponta dos rebentos filhos logo que estes atinjam 5 a 8 cm de comprimento; mais tarde, numa segunda operação eliminam-se os rebentos que ainda nasçam do caule.

No decurso do desenvolvimento da cultura vão sendo arrancadas gradualmente as folhas que existam no caule principal abaixo da primeira cruz. Devem eliminar-se o mais cedo possível após o seu aparecimento, todos os rebentos-ladrões que se originem dos gomos do caule principal que tenham permanecido enterrados.

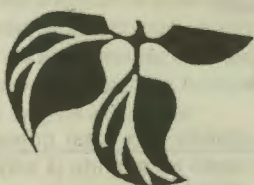
No caso das plantas terem desenvolvido numa rama muito densa é aconselhável cortar um ou outro ramo que se dirija para o interior da planta. Os ramos nestas condições não fazem falta à planta, pois impedem o adequado arejamento, o que se reflecte desfavoravelmente na floração. Além disso, a eliminação desses ramos facilitará a formação de frutos e dificultará os ataques das pragas e doenças.

17) PODA DE REJUVENESCIMENTO

A execução desta poda no pimento cultivado em estufa tem por finalidade prolongar pelo Outono um cultivo que já ocupou os primeiros meses do ano. Esta poda costuma ter lugar em Julho-Agosto, isto é, na época em que o preço do pimento é o mais baixo do ano.

A operação consiste no corte de todos os ramos que se tenham desenvolvido acima das segundas cruces — ramificações terciárias

(Continua na pág. 10)



**BATATA SEMENTE
DE ALTA QUALIDADE!
PRODUZIDA NA HOLANDA!**

COOPERATIVA OBTENTORA DE VARIEDADES MUITO PRECOSES - PRECOSES
SEMI PRECOSES - SEMI TARDIAS E TARDIAS COM EXCELENTES
CARACTERÍSTICAS PARÁ PRIMORES. CONSUMO. EXPORTAÇÃO E INDUSTRIA:

DESIREE - JAERLA - BARAKA - MONALISA - EDZINA

VARIEDADES EXPERIMENTADAS EM PORTUGAL

- (- VERMELHAS: Asterix, Bartina,
- (Cleopatra
- (- AMARELAS: Berber, Concurrent,
- (Frisia, Mansour, Obelix, Ukama,
- (Van Gogh



DE ZPC: SOMOS A BATATA DE SEMENTE

Z.P.C. - PORTUGAL, LDA.
Apartado, 259
Telefax (034)311912
3800 AVEIRO

(Continuado da pág. 9)

ciárias. — O corte de cada ramo incide acima do primeiro ou segundo gomo contado a partir do ponto de união com o ramo secundário.



MULTIPLANTA

Sociedade de Fomento Hortícola, Lda.

VIVEIRISTA

PÉPINIÉRISTE

MORANGUEIROS

ÚNICOS DETENTORES PARA PORTUGAL DAS MARCAS REGISTRADAS DAS SÉRIES DOUGLAS® E CHANDLER® (LICENÇA ZANZIBÁZIA)

ACTINIDIAS (KIWIS)

OUTRAS ESPÉCIES FRUTÍCOLAS

VIVEIROS DE MORANGUEIROS DE ALTITUDE NA SERRA DA ESTRELA

PRODUTORES E EXPORTADORES

TELEF. 42197

3060 CANTANHEDE

Concluídos os cortes mencionados procede-se à eliminação de todos os rebentos ou ramificações que existam no resto da planta. Portanto, no final da operação a planta fica reduzida somente ao fuste com os dois ramos da primeira cruz e com os quatro ramos da segunda ou, por outras palavras, ao caule principal com os dois ramos de segunda ordem e os quatro ramos terciários. O corte destes últimos é feito acima do primeiro, do segundo ou do terceiro gomo, o que depende do vigor vegetativo da planta (a maior desenvolvimento maior número de gomos).

Nos extremos dos ramos que ficam na planta pode deixar-se uma ou outra folha com o fim de se criarem condições para o consumo de alguma seiva.

Como resultado desta poda a planta reagirá e terá uma rebentação esplêndida. Decorridos cerca de 30 dias ocorrerá uma abundante floração. Os cuidados culturais — regas, adubação e tratamentos fitossanitários —, são iguais aos adoptados para uma cultura normal.

18) DESFOLHA (PODA DE FOLHAS)

As folhas que tenham desenvolvido no caule principal abaixo da primeira cruz, devem ser eliminadas pouco a pouco enquanto decorre o crescimento da planta. Depois, no decurso da fase adulta, pode ser conveniente recorrer à eliminação de algumas folhas situadas no interior da rama. Com este procedimento procura-se aumentar o arejamento e permitir que a planta beneficie da melhor luminosidade.

19) MONDA DE FRUTOS

A maior parte das variedades de pimento desenvolvem uma ou várias flores no ponto de bifurcação dos dois ramos que formam a primeira cruz. Em geral, estas flores dão lugar a frutos volumosos.

Com frequência, a formação destas flo-

res e o começo do desenvolvimento dos respectivos frutos coincide com o início do crescimento vegetativo da planta ou com uma fase em que esta tenha pouco vigor. Neste caso a planta enfraquece e, como resultado, atrasa-se a colheita. Esta é razão porque se recomenda a eliminação dessas flores ou frutos recém-formados na primeira bifurcação ou seja, na primeira cruz.

No entanto, quando a planta evidencia um grande desenvolvimento vegetativo e se recebe que por esse motivo se ressinta a floração e a frutificação, pode ser vantajoso não proceder à eliminação dos frutos acima referidos (formados na cruz), pelo menos enquanto não se tiver verificado o aparecimento de outros. Com este procedimento consegue-se evitar parcilmente o forte desenvolvimento da rama e criar condições para o aumento da floração. No caso de ocorrer uma frutificação excessiva é vantajoso efectuar um desbaste. Esta operação permite que os frutos que fiquem na planta adquiram maior tamanho e melhor qualidade.

20) FITO-HORMONAS PARA A FLORAÇÃO E FRUTIFICAÇÃO

Para criar melhores condições para a formação das flores e para a frutificação usam-se hormonas sintéticas. Com estas substâncias consegue-se uma floração mais abundante, uma maior percentagem de flores fecundadas e frutos maiores. Além disso — a colheita pode iniciar-se alguns dias mais cedo.

O emprego destes produtos hormonais na cultura da estufa do pimento deve ter lugar quando as plantas estejam em pleno desenvolvimento vegetativo e tenham iniciado a fase de floração. A aplicação das hormonas não é aconselhável em plantas com o desenvolvimento interrompido, ou nas que evidenciam pouco vigor ou, ainda, nas plantas em solos pouco férteis.

21) TUTORES

Os caules do pimento são muito quebradiços quando a plantação é feita ao ar livre.

estrela
adubo

FÁBRICA DE ADUBOS ORGÂNICOS, LDA
ADUBO CORRECTIVO ORGANOQUÍMICO

Composição:		Fertilizante orgânico por goma	
Nitrogénio (N)	20	0	20
Fósforo orgânico (P)	20	0	20
Ácido húmico (H)	20	0	0
Potássio (K)	2	0	0
Calcio (Ca)	1,5	0	0
Carbono (C)	30	0	30
pH	6	0	7
C %	37	0	37

ESTAMOS DESENVOLVENDO
A MINHOCULTURA

CONSULTE-NOS

Est. Nac. N.º 2 MUNA - LORDOSA
Telex 33386 Adubos P
Tel. (032) 91282 - 91283
Apart. 48 Viriato 3500 VISEU

50Kg.
KILOS

TECNICANTO

ESTUFAS E EQUIPAMENTOS
SISTEMA DE REGA E AQUECIMENTO
SEMENTES E AGRO-QUÍMICOS
ALPORQUES, BOLBOS E ESTACAS
MOTORES E ALFIAS AGRÍCOLAS
PLÁSTICOS E PERSINTAS
TELAS E FIOS
MÁQUINAS PARA FLORES E OUTROS

DIRECÇÃO TÉCNICA:

ANTÓNIO MANUEL DA ROCHA LEBRE
eng.º téc.º agr.º

MORADA: TELEFONE:

Rua do Sul (034) 32 12 91
Gafanha de Aquém

3830 ILHAVO

Este inconveniente acentua-se ainda mais na cultura em estufa dado que, neste caso, a planta adquire maior envergadura, desenvolve tecidos mais frágeis e os ramos ficam sobrecarregados com mais frutos e, portanto, maior peso. Estas as razões da necessidade de proceder à instalação de tutores na cultura em estufa de pimento.

Além de evitar em larga média a redução da colheita — devida em grande parte à queda dos ramos —, o tutoramento melhora a qualidade dos frutos, que não correm o risco de ficar em contacto com a terra, faculta um maior arejamento, aumenta a floração, contraria os ataques de várias enfermidades e facilita a colheita.

22) COLHEITA

Em geral a colheita tem lugar quando o fruto ainda está verde ou quando já adquiriu a coloração vermelha. No primeiro caso o corte deve coincidir com o início da maturação fisiológica, o que é evidenciado pelo brilho metálico de cor verde e pela dureza ou consistência dos tecidos.

O intervalo de tempo que medeia entre duas colheitas consecutivas varia entre oito e quinze dias, dependendo da variedade e da época do ano em que a operação tem lugar.

Os mesmos factores — variedade e época do ano — exercem também grande influência sobre o número de frutos produzidos por planta. Este número sofre grandes oscilações, podendo variar de 6-7, nas variedades de frutos volumosos, até 40 a 50, nas que produzem frutos compridos e de peso reduzido. A um compasso que permita a existência de 2,5 a 3 plantas por metro quadrado a produção por planta situa-se geralmente entre 2 e 3 Kg.

O Mundo em que Vivemos

UM SLOGAN INCOMPLETO

No jornal do mês passado, referimos o caso de uma jovem deficiente, filha de pai alcoólico. Referimos, ainda, o efeito nocivo do consumo excessivo do álcool, a vários níveis.

E — nem de propósito — no Jornal «O Gaiato» n.º 1174, de 11 de Março último, deparámos com uma crónica sobre o assunto, da autoria do Padre Telmo, encarregado do «Calvário» (O «Calvário» é uma das modalidades da Obra do Padre Américo e destina-se a dar abrigo, assistência e principalmente carinho a doentes incuráveis e a crianças e jovens deficientes).

Tomámos a liberdade de transcrever parte dessa crónica, pela flagrante oportunidade de que se reveste:

«Há dias, procurando a identidade de um rapaz no livro de registos, fui lendo na nota de observações de cada um:

— Este rapaz é atrasado mental. O pai, alcoólico, abandonou os filhos, que vivem entregues aos vizinhos.

E este:

— Os pais deste menino não vivem juntos. O pai bebia muito e maltratava a mãe.

Outro:

— Este rapaz é diminuído mental, sua mãe é tuberculosa e o pai bebe.

E mais:

— Órfão de mãe, atrasado mental e epiléptico. O pai é alcoólico e abandonou os filhos.

Chega! Seria um não mais acabar...

Quem será capaz de fazer compreender aos pais e aos filhos as ruínas familiares e sociais que os malefícios do álcool nos trazem? A televisão e demais comunicação social? Os párocos nas suas homilias? São caminhos.

Para evitar os desastres na estrada de acatão, já se faz algo. Ainda bem! Seria bom que na mais fecunda estrada da vida humana se mostrasse aos homens dos deficientes e as culpas do álcool.

Parece-nos urgente... Porquanto um milhão de deficientes num cantinho tão pequeno!...

★

É por demais eloquente para necessitar de comentários. Diremos, apenas, à guisa de conclusão, que aquele slogan que tantos anos se ouviu: «Beber vinho é dar de comer a um milhão de portugueses» está incompleto.

Parece que o correcto seria: — «BEBER VINHO É DAR DE COMER A UM MILHÃO DE PORTUGUESES, MAS O CONSUMO EXCESSIVO DO ÁLCOOL É RESPONSÁVEL PELA TRÁGICA EXISTÊNCIA DE UM MILHÃO DE DEFICIENTES PORTUGUESES».

E. Real

ENTREVISTA COM MARIA SANTOS

(Continuado da pág. 12)

Se o País não reage relativamente à sua própria independência no sentido de uma afirmação de si próprio enquanto País que quer de facto autogerir-se de acordo com as suas próprias potencialidades e necessidades de acordo com os interesses nacionais, pode confrontar-se com posições extremamente negativas. Isto se não defender os seus interesses neste caso defender os seus interesses é defender as suas potencialidades naturais, é defender como já disse um desenvolvimento auto-sustentado em que a conservação da natureza e o desenvolvimento estão em articulação directa e harmoniosa.

Foi este o diálogo que travámos com Maria Santos quando descíamos o Cávado a caminho de Fão. O rio ainda estava bastante cheio. Alguns peixes saltavam naquelas águas poluídas e nós interrogávamo-nos sobre o grau de segurança que eles ofereciam para quem os utilizava como alimento.

VIA SACRA

Todos os anos se faz, na nossa Igreja, a devoção da Via Sacra. Este ano, porém, o nosso Arcipreste, Padre Vilar, resolveu sensibilizar as pessoas para a Via Sacra, na rua.

Partindo, portanto, da Igreja Matriz muita gente acompanhou e a Cruz foi transportada por jovens e meditados as estações por eles e leigos, até ao Mosteiro do Senhor Bom Jesus.

A nossa terra vibrou. Viveu-se intensamente esse dia e noite e foi notável o empenhamento das pessoas no arranjo adequado das montras, ou dos locais onde se faria paragem para a meditação.

Iniciativas destas, são de continuar.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Armando Duarte
Florinda
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarinho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Quim Muata
Né dos Lários

PROPRIEDADE:

Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:

Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual..... 500\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Um sonho... uma realidade...

(Continuado da pág. 1)

Mais fácil será para o empreendimento, se o montante do capital inicial for razoável. Perante um projecto sólido será mais facilitada a concessão de subsídios. sobre este aspecto, muito há a fazer, pois angariar fundos, não é coisa fácil.

Foi aprovada a ideia de se constituírem títulos de 500\$00. Entre os presentes, houve logo quem comprasse e somou-se a quantia de 70.000\$00.

Pelo adiantado da hora, ficou suspensa a constituição da direcção, distribuição de cargos, etc.

Um dos objectivos iniciais, será a instalação duma sede, onde se dariam os primeiros passos na realização de actividades recreativas e culturais e onde as pessoas se encontrassem e convivessem.

Seria bom que todos os fangeiros aderissem a este movimento e dessem as mãos para a sua realização, pondo de parte ideologias políticas e querelas pessoais.

O comércio, a indústria da terra, os intelectuais e o povo, seriam todos beneficiados.

Temos que atrair a Fão todo o género de artistas: pintores, músicos, grupos folclóricos, artesãos, poetas, etc., os quais trariam à terra certa animação e portanto mais desenvolvimento.

Aqui fica a notícia!

Este jornal será, quase o porta-voz do que for acontecendo! Lê-lo será uma prova de que esta terra lhe interessa.

CECÍLIA PAIXÃO DE AMORIM

P.S. — No dia 1 de Abril houve uma reunião, onde estiveram já 27 pessoas. Foi conseguido o montante inicial de 370.000\$00 e espera-se o contributo de outros sócios fundadores.

Longa Vida



o que é bom da natureza

O NOVO FANGUEIRO ENTREVISTA A DEPUTADA MARIA SANTOS

A POLUIÇÃO DO CÁVADO

Como já noticiamos no número anterior, no dia 23 de Fevereiro deslocou-se a Esposende uma comissão de deputados que veio constatar localmente a poluição do rio Cávado.

Entre o grupo de parlamentares encontrava-se a dr.^a Maria Santos, dos Verdes, com quem «O Novo Fanguero», no retorno da viagem, travou interessante diálogo que passamos a transcrever.

O N.F. — Que tal a sua impressão desta visita a Esposende?

M.S. — Extremamente negativa. Ao contrário do que afirmam os nossos governantes deste rio, não há dúvida que se trata duma situação bastante gravosa. Por um lado é a poluição global do rio Cávado e por outro é sabermos que a captação das águas que abastecem parte do concelho de Esposende é feita neste local contaminado.

O N.F. — O que é que vocês como deputados podem fazer?

M.S. — Eu aqui represento o Partido dos Verdes. O ano passado fizemos um requerimento ao Governo, já preocupados com o rio Cávado. Face à situação real, a resposta que recebemos foi ambígua. Por sua vez, a Lei do Ambiente saiu mas ainda não foi regulamen-

tada e uma lei sem regulamentação é um instrumento inócuo. Neste momento precisamos de uma Lei de Águas, de órgãos de gestão das bacias dos rios, mas precisamos sobretudo de uma acção concertada, de uma acção integrada para tratar de todas as formas de poluição não só do Cávado mas de outras partes do País.

O N.F. — Não lhe parece que essas medidas ante-poluidoras vão afectar de algum modo o desenvolvimento do País?

M.S. — É evidente que a conservação da Natureza não é incompatível com o desenvolvimento do País. É uma falsa ideia dizer que os ecologistas são contra o progresso. São sim contra o progresso irracional e desordenado. O que se pretende é que o mundo tenha muito mais futuro, pois se nós destruímos os ecossistemas, como é o caso de um rio, eu pergunto como será possível a manutenção da vida sem água, como é que o ser humano poderá subsistir em situação de rotura com os ecossistemas de que faz parte? Temos que possuir uma mentalidade solidária em relação às gerações vindouras. Se não, não temos futuro. O homem é um ser dotado de inteligência. Por que não a utiliza para evitar uma acção poluidora ilógica, anárquica e descuidada?

O N.F. — Haverá de facto uma consciência internacional e solidária bem despertas para estes problemas?

M.S. — Isso é vardade. Qualquer país, qualquer governo, a comunidade internacional não podem ficar indiferentes perante os grandes desastres ecológicos que tem sucedido, como a de Sandoz, as grandes marés do Mar do Norte, a seca e desertificação de África, as grandes alterações climáticas provocadas pela destruição amazónica, o problema da central Nuclear de Chernobil. Todos esses acidentes têm mostrado à evidência que os governos têm que ser capazes de dar as mãos para resolverem estas situações. São tão evidentes os crimes cometidos pelo homem que todos temos consciência que devemos agir e encontrar soluções para resolver estas ameaças à segurança da Humanidade.

Hoje a comunidade internacional tem, devido à acção de ecologistas e cientistas, uma maior consciência e sensibilidade para estes problemas. A opinião pública fica cada vez mais esclarecida pela evidência dos factos. Temos que virar as mentalidades e criar sistemas económicos que não visem apenas o lucro fácil. A industrialização tem que se fazer acompanhar de tecnologia necessária para evitar o derrame na terra, na água e no ar, de efluentes nocivos para o próprio homem. A natureza tem uma certa capacidade depuradora mas necessita que a auxiliem nessa capacidade e que não saturam o meio ambiente.

O N.F. — Portanto, ainda tem fé na recuperação do meio ambiente?

M.S. — Ah, sim, sou profundamente op-

timista e esse optimismo vai a favor da recuperação da natureza. Estamos a descer este rio Cávado e todos vemos que a natureza reparou já muitos erros cometidos pelo homem.

O N.F. — Parece-lhe que Portugal pode aprender com a experiência dos outros países?

M.S. — Eu penso que sim. No entanto essa ajuda pode vir envenenada. Neste momento Portugal está a ser comandado entre aspas pela força dos potentados económicos estrangeiros que são as fábricas de celulose e nomeadamente da pasta de papel de que a Comunidade Económica é deficitária. Há uma plantação abusiva do eucalipto que enfraquece demasiado o nosso solo. Nós temos leis mais permissivas em contraste com outros países que já têm leis mais condicionantes para determinados tipos de laborações químicas.

(Continua na pág. 11)

POSTAIS DA NOSSA TERRA

Por QUIM MUATA

XII — AINDA A TOPONÍMIA LOCAL (1)

Andou a Junta de Freguesia a implantar placas toponímicas pelas esquinas da quase totalidade das ruas, vielas e caminhos da nossa Vila, o que, sem dúvida, é bem meritório e só de louvar. Pena é que, em dois ou três casos, tenha deixado um pouco a desejar.

Assim, nas placas que assinalam a «*RUA IRMÃOS SOARES ESTALISNAU*», aparece este último apelido grafado com um «S» no fim — ESTALISNAUS —, erro crasso cuja rectificação urge que seja feita com a máxima urgência possível, para que não patenteie o grau de cultura de quem a mandou executar. Que não aconteça como aconteceu com a «*Rua dos Bombeiros Voluntários*» que, apesar de se situar próximo da residência do senhor Presidente da Junta, durante mais de uma dezena de anos, ostentou a palavra «*Voluntários*» grafada como «*VULUNTÁRIOS*».

Também quanto à «*RUA DA PROF.^a ZULMIRA PINHEIRO BORDA*», que todo o fanguero sabe qual é, foram colocadas placas, segundo dizem, com a designação de «*ANTI-GA RUA DE GOA*». Porquê? É certo que — quando foi deliberado atribuir à rua em questão a denominação que, queiram ou não queiram, ela tem — houve uma minoria que não concordou e, uma noite, até retiraram as placas lá colocadas. Mas isso, julgamos, não seria impedimento para que a Junta de Freguesia pusesse, agora, lá placas com a designação correcta. O mesmo aconteceu quando à antiga rua de S. João de Deus foi dado o nome de «*RUA ARTUR SOBRAL*» e, no entanto, lá foi colocada nova placa com esta denominação.

Já vai longo este Postal. deixemos para um outro um possível terceiro caso.

O DR. JUVENAL SILVA candidato independente do PS

O Partido Socialista de Esposende, que nos últimos anos tem vivido um tanto na penumbra devido à luta que tem oposto o CDS ao PSD no concelho, e que tem polarizado, por isso, as atenções gerais, vai desta feita apostar forte na candidatura de Juvenal Silva, médico obstetra muito conhecido no concelho e não só e que vai concorrer à Câmara como independente.

Para isso houve uma série de conversações entre responsáveis socialistas e o novo candidato que culminaram no sábado, dia 18 de Março, com um jantar em Apúlia que reuniu cerca de 100 pessoas, contando-se entre elas socialistas de Braga, Famalicão, Vila Verde e logicamente socialistas do concelho. Presidiu ao repasto Parcídio Sumavieles coordenador do PS no distrito de Braga, que tinha a ladeá-lo Mesquita Machado, Presidente da Câmara de Braga, Artur Lopes, antigo Governador Civil de Braga, Armando Saraiva, Juvenal Silva e seu irmão Gualdino.

O ambiente era de grande alegria e são optimismo. Já na parte final, usou da palavra Armando Saraiva, responsável local do PS, que saudou os presentes e agradeceu a sua encorajadora visita. Vaticinou para o PS um lugar na Câmara que excepcionalmente poderia alargar-se a dois.

Mais confiante se revelou Parcídio Sumavieles que anteviu para Juvenal Silva a conquista da Câmara e nesse sentido encorajou o novo candidato. Imbuído na mesma dinâmica de vitória, no fim de todos, Juvenal Silva que muito francamente esclareceu que para ele um lugar obtido na Câmara equivaleria a uma derrota. Ele almejava muito mais.

A ver vamos. De qualquer maneira a Câmara de Esposende não vai ser nalis como tem sido até aqui.

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO